

A construção do imaginário-futuro na mídia brasileira

**Francisco Menezes Martins – UTP/FEEVALE
Paula Jung Rocha - FEEVALE/ESPM-RS**

Resumo: O texto propõe a análise de publicações (impressas e eletrônicas) cuja temática é a construção do imaginário do futuro através da divulgação de novos aparelhos/tecnologias e práticas sócio-culturais a partir dos mesmos. A perspectiva teórica se enquadra nos estudos em cibercultura através da sociologia do imaginário e da filosofia da comunicação.

Palavras-chave: imaginário, tecnologia, mídia, cibercultura

A relação com o tempo sempre foi preocupação humana. Parte-se, aqui, da noção nietzschiana sobre o conhecimento como medida dos valores. Não havendo possibilidade de avaliação além das já estabelecidas, a visibilidade midiática sobre o imaginário do futuro volta às utopias tecnológicas e avança rumo ao espetáculo digital e fragmentado da cibercultura.

Se houvesse um momento na história do pensamento ocidental capaz de ser matriz axiológica para uma distinção entre devir e futuro, seria o final do século XIX. De um lado, a perspectiva como filtro de análise, do outro, a fé racional. A primeira, traz a herança de Nietzsche, Ortega y Gasset, por exemplo. A segunda, carrega o discurso de referência dominante na Modernidade.

A visão do imaginário do tempo a partir da idéia de devir, aponta para um “chegar a ser” e um “ir sendo” de forma simultânea. Não haveria uma estação de chegada, nem a travessia sobre trilhos de valores da civilização. Uma ruptura conceitual com a metafísica e as religiões da técnica e do mercado. Porém, a linearidade da medida como instrumento de acesso ao conhecimento, por sua vez, indica um tempo que não

acontece como si mesmo, apenas como o seu imaginário. Um simulacro do tempo como simulacro de imaginário. Uma dobra entre o legado platônico de Baudrillard (1992) e o Duraniano de Maffesoli(1995).

Aposta-se na análise desta noção para propor a distinção fundamental entre as construções midiáticas do tempo. A esperança de chegar ao futuro se choca com a impossibilidade de saída do presente, por ser este, o instante do par conservação/passagem (Deleuze, 1992). Sobre o fragmento conservado, assentam-se os valores. Já, sobre o que faz a passagem, o movimento dos valores transmitidos. A perspectiva do tempo seria então, a transmissão do conservado como percepção da passagem.

O imaginário contemporâneo é presenteísta (Maffesoli, 1995). Já suas imagens são futuristas. Os valores de um presente dilatado por suas próprias narrativas traz consigo a histórias de utopias antigas e modernas, como reservatório de discursos, e a pressão interna de superar o tempo atual, como vazamento calculado com a finalidade de despressurizar o acúmulo de signos, por meio de táticas midiáticas e de mercado. Desta forma, a irradiação (Baudrillard, 1992) é a imagem do tempo que sai de si mesmo, como imagem e como desaparecimento.

Práticas midiáticas da atualidade, que arrastam o imaginário das Ciências como plataforma de valores humanos em trama: Sociedade do Espetáculo (Debord, 2007), Sociedade de Consumo (Baudrillard, 1987) e Sociedade de Controle (Deleuze, 1996). Neste sentido, há uma rede de imaginários justapostos.

“Longe de desenhar uma seqüência alinhada de aquisições contínuas e crescentes ou mesmo uma seqüência de súbitos cortes, descobertas, invenções ou revoluções precipitando no esquecimento um passado subitamente ultrapassado, a história das ciências corre e flutua sobre uma rede múltipla e complexa de caminhos que se cavalgam e entrecruzam em nós, cumes ou encruzilhadas, comutadores onde se bifurcam mais de uma via. Uma multiplicidade de tempos diferentes, com disciplinas diversas, de idéias de ciência, de grupos, de instituições, de capitais, de homens em acordo ou em conflito, de máquinas e objetos, de previsões e acasos imprevisos compõem conjuntamente um tecido flutuante que representa de forma fiel a história múltipla das ciências”(Serres, 1992, p.16)

A partir desta multiplicidade, o tempo atual reserva uma especificidade: a aliança formal entre ciência e tecnologia e a visibilidade midiática na irradiação dos valores que atuam na construção do imaginário do futuro. Acredita-se que a mídia não seja

simplesmente a possibilidade de deixar ou fazer-ver as tendências, mas que ela atua diretamente como instrumento condicional. A relação do tempo e dos valores sobre ele depositados, significam também outras palavras, uma sentença extemporânea: “ A duração do dia – quando temos muitas coisas para pôr dentro dele, o dia tem centenas de bolsos”(Nietzsche, 2000, p.273).

A medida da dilatação midiática sobre o tempo levam à análises sobre as interações entre imaginário, literatura e cinema. Especificamente no campo da ficção científica. Há séculos especula-se sobre o impacto do tempo que ainda não se fez presente. De formas diversas e dentro de circunstâncias históricas determinantes, haveria radicais transformações nos moldes das sociedades. A virada do século XIX para o século XX foi marcante cenário ao acentuar o vetor científico como solução aos problemas humanos.

A Redenção do passado significava abandonar valores em troca de outros. A Ciência Moderna revolucionou o imaginário ao instaurar um portal de futuro no imaginário ocidental. Europa e América, cada qual com suas velocidades, preparavam as plataformas para o imaginário-futuro. Como ponderava Ortega y Gasset (1993), um certo terrorismo que vinha dos laboratórios. A vida estaria como refém das invenções de futuro, e as revisões da história funcionariam como uma profecia ao contrário (Ortega y Gasset, 1992)

Assim, uma dobra profética assolava o imaginário. O futuro construído pela Ciência e a Técnica Moderna, e futuro das novas versões sobre o homem e sua aventura civilizadora. Estariam, pela primeira vez, impulsionando o imaginário para algo inédito: a pressão deixava de vir do passado e o tempo iniciava a ser preenchido e dilatado pela mídia. A história do século XX é a compressão dos valores seculares com a referida dilatação potencializada do futuro pela indústria da cultura midiática e, recentemente, pela cibercultura..

A disseminação do uso das tecnologias de comunicação e de informação transforma a cartografia do presente, de dupla dimensão (real e virtual), numa simbiose de homem e máquina (ROSNAY, 1997).

Os ciborgues¹ contemporâneos vivem praticamente o tempo todo linkados a próteses eletrônicas, digitais e mecânicas como extensões de seus sentidos e de seu corpo. “[...] após a colonização externa do mundo pelas tecnologias industriais e informacionais é agora o corpo que se transforma em objeto de intervenção” (LEMOS, 2003, p. 14).

O que mais chama atenção é que todas essas próteses podem estar interconectadas de modo que o computador de bordo do carro e o telefone celular passam a compartilhar os mesmos códigos. Uma verdadeira sintonia digital, que muitas vezes pode sucumbir ao erro fatal, como no caso das ameaças do *bug* do milênio, que, aliás, nem chegou a acontecer.

Observa-se que o mundo contemporâneo passa por uma época de crise de seus fundamentos tradicionais e que as instituições sociais (inclui-se aqui também as instituições midiáticas), políticas, ideológicas, religiosas, artísticas e míticas estão a definir um novo paradigma.

Indivíduos e organizações estão passando por uma transição que opera em alta velocidade e influencia comportamentos, métodos e estratégias (SIQUEIRA, 2005).

A visão de distintos autores evidencia, cada um de seu modo, os principais dilemas de uma época marcada pelo “excesso de comunicação” (SFEZ, 1994) e pelo delírio da hiper-realidade (BAUDRILLARD, 2002). São tamanhas e inusitadas as mudanças na transição deste século que o desafio do pensamento comprometido com o conhecimento torna-se ainda mais complexo.

As instituições sacralizadas durante a modernidade desmoronam junto com a certeza de que se teria um futuro melhor, garantido pelo desenvolvimento tecnológico desenfreado. Assim como o estilo – “aquilo pelo que uma época se define, escreve-se e se descreve a si mesma” (MAFFESOLI, 1988, p.56.) – da Idade Média, ou seja, de

¹ O termo *cyborg* foi criado em 1960 por cientistas e associa cibernética e organismo para designar um indivíduo capaz de se regular automaticamente em um meio ambiente artificial como é a conquista do espaço” (CLYNES, Manfred; KLINE, Nathan S. apud FLICHY, Patrice. **Lo imaginário de Internet**. Madrid: Tecnos, 2001). [“Cyborgs and space”, *Astronautics*, septiembre de 1960, p. 26-27, 75-75]. A filósofa Donna Haraway parte desta definição para fazer reflexões sobre o lugar do corpo, na perspectiva da realidade virtual. Na sua concepção, o ciborgue é um híbrido de máquina e organismo, mas também realidade material e imaginação. Haraway não aceita a posição de máquina que domina o homem, e vice-versa. Para a filósofa, a imersão no mundo da tecnocultura faz com que todos sejam atualmente ciborgues.

caráter teológico, começa a desaparecer com o surgimento do estilo econômico durante o período de ascensão moderna, nota-se que esse último está sendo substituído por um estilo estético² na pós-modernidade (MAFFESOLI, 1995, p. 18), como já apontara Harvey ao resgatar o legado de Nietzsche.

A impossibilidade de se explicar o mundo de hoje com os olhos voltados ao passado, tempo esse deveras comprometido com as filosofias econômicas, deve-se às transformações, ocorridas principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, que trazem à tona as incertezas de um mundo sedimentado em estruturas racionais (MAFFESOLI, 1995).

Com a falência dos discursos modernos, que prometiam um mundo redentor, aliada à velocidade das inovações técnicas, o homem contemporâneo procura relacionar a sua vida a preceitos presenteístas (culto ao hedonismo, valorização do doméstico, barroquização da existência, vínculo comunitário, imersão no universo das redes tecnológicas de comunicação, prevalência da estética, resgate dos valores dionisíacos, lúdicos, oníricos, etc.), porque parecem ser mais condizentes com o estilo de vida atual, o qual agrega o racional, o irracional, o não-racional, o lógico, o não-lógico e o ilógico (MAFFESOLI, 1995).

De modo algum se pretende descartar os temas explicativos da época moderna, mas enfatizar que eles não sustentam a complexidade contemporânea e que, por isso, são constantes alvos de relativização. Embora continuem a pairar no ambiente pós-moderno, Maffesoli faz questão de afirmar:

O debate atual sobre o fim dos grandes sistemas explicativos que marcaram nosso tempo – tais como o marxismo, o freudismo, o positivismo (talvez fosse melhor nos referirmos à sua saturação) – parece mal proposto. Assim, não se trata de invalidá-los pelo que são, mas de mostrar que provêm e explicam (de) um dado período. Elaborados num tempo marcado pela homogeneização de civilizações em expansão, não são mais (como foram) adequados para descrever o processo de heterogeneização consecutivo à decadência de uma civilização (MAFFESOLI, 1988, p. 31).

Outra contribuição importante para se pensar a respeito da herança do pensamento racionalista que pareceu predominar na época moderna é de Breton, que

² O estilo estético de Maffesoli (1998) está relacionado com a elaboração de uma forma, de uma descrição de um ambiente e das coisas que epifanizam a realidade de modo a estabelecer uma hiper-racionalidade que saiba integrar, numa análise, os parâmetros habitualmente considerados como secundários: o frívolo, a emoção, a aparência, ou seja, a estética.

acredita que parte dos problemas atuais está diretamente relacionada com o modo de pensar que dominou o passado recente:

Assim, longe de ser estancada, a degradação de valores que acompanha todo o século XX vê-se, pelo contrário, ampliada pela sociedade política e as ideologias de exclusão que segregou. Em que medida as grandes construções ideológicas não contribuíram para essa escalada da barbárie moderna? [...] As convulsões que sofreu a sociedade contemporânea podem, assim, ser encaradas como réplicas dessas fracturais mais silenciosas e subterrâneas, que os intelectuais e os teóricos políticos provocaram no século anterior (BRETON, 1994, p. 80).

Breton (1994), embasado nas teorias propostas por Wiener, chega a afirmar que o sucesso da “utopia da comunicação”, na qual estão inseridas as novas tecnologias, relaciona-se com a crise profunda do século XX³. Para o pesquisador, a sociedade da comunicação surge em oposição à barbárie moderna que a mesma havia provocado.

O espírito de suspeita é a tônica dos debates contemporâneos. Se, por um lado, há os que advertem para o lado sombrio da tecnologia, sobretudo da razão que inspira o desenvolvimento das técnicas (Breton, Wolton, Baudrillard, Virilio), há também aqueles que vêem nesse fenômeno uma forma de reencantamento do mundo (Maffesoli, Lévy, Castells).

Evidentes são os sinais do desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação e da informação que possibilitam ao homem a condição de suprimir tempo e espaço e simular a realidade no ciberespaço, que nunca fora possível com tamanha velocidade e verossimilhança.

Aquém e além de opiniões entusiastas ou fáusticas, vale ressaltar que a Internet está sendo considerada a maior revolução na história do homem, desde a invenção da máquina impressora.

Defensor da sociedade da informação, Castells já decretou: “A Internet é o tecido de nossas vidas”. Ao relembrar as profecias de McLuhan sobre a Galáxia de Gutenberg, o autor celebra a entrada “num novo mundo de comunicação: a Galáxia da Internet” e avisa que não adianta resistir a essa situação ou acreditar que há outra opção, pois viver em uma sociedade em rede significa que, “se você não se importa com as redes, as redes se importarão com você, de todo modo” (2003, p. 230).

³ O autor observa que as duas guerras mundiais são o clímax da tecnologia e ao mesmo tempo significam a pobreza do espírito da humanidade.

Entusiasmo, talvez, exagerado, mas que encontra respaldo, de certa maneira, até mesmo no discurso de Breton, o qual diz que as sociedades humanas são, desde sempre, as sociedades da comunicação, e que isso seria uma constante antropológica; entretanto, ao instigar o valor da desconfiança, o autor admite que “uma das diferenças entre o passado e o presente é, sem dúvida, o desenvolvimento importante das técnicas materiais de comunicação e, sobretudo, o valor que se lhe confere hoje” (1994, p. 117).

Então, se a sociedade sempre teve como valor a comunicação, o que importa, sobretudo, para o pesquisador dessa área, é avaliar as mudanças que ocorrem de uma época para outra e que podem tornar tão distintas suas especificidades. Ao considerar a pós-modernidade como herdeira da modernidade, a título ilustrativo, há de se pensar a respeito de tudo aquilo que a época moderna conquistou, cabendo, hoje, à pós-modernidade, adequar, modificar, renegar ou aceitar tanto o patrimônio econômico, o conhecimento político e a organização sociocultural, quanto a herança moral/simbólica/ética/sentimental (o imaginário) e, permeada nessas instâncias, a comunicação.

O questionamento despertado em torno da cibercultura lembra aquele que ronda com insistência o campo de pesquisa da comunicação, em termos da imprecisão de seus limites e de sua abrangência. De fato, emerge do senso comum e das fontes que irrigam o imaginário contemporâneo, retroativamente, a intuição de que a cibercultura se impõe como matriz de sentido contemporânea. Nota-se, quanto a isso, que a cibercultura pauta e é pautada por temas da sociedade, porque se imiscui nas práticas cotidianas. Saída das páginas dos romances de ficção científica, a cibercultura ganha vida no dia-a-dia, dinamizando o imaginário contemporâneo e concretizando-se em práticas.

Da mesma forma que a cibercultura está por toda parte, costuma-se concordar sobre o fato de que tudo seja comunicação. A relação institucional entre a comunicação e a cibercultura pode ser verificada na existência de grupos de trabalho e de núcleos de pesquisa em congressos e em simpósios da área da comunicação⁴. O interesse que essa questão suscita se manifesta no nome de algumas linhas de pesquisa oferecidas por

⁴ O Congresso anual da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM) conta com o Núcleo de Pesquisa “Tecnologias da Informação e da Comunicação”, subdividido em quatro subgrupos: Internet, Hipermídia, Sociabilidade Virtual e Tecnologia e Cultura. Por sua vez, o encontro anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação discute sobre cibercultura no grupo de trabalho denominado “Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade”.

programas de pós-graduação no Brasil, além de se expressar na formação de grupos de discussão a respeito da matéria e de gerar publicações a respeito da mesma.

Como se vê, ainda que o tema da cibercultura seja facilmente encontrado nas práticas sociais, além de estar institucionalmente legitimado no campo de pesquisa da comunicação, tanto este quanto a comunicação continuam a enfrentar o desafio de sua formatação intelectual, sendo que ainda são raros artigos que se destinem especificamente a abordar essa relação, do ponto de vista metodológico.

Portanto, é pertinente compreender que se passa por um período de transição da modernidade para a pós-modernidade, e considerar os indicativos de tal mudança. Na (re)formulação das variáveis contemporâneas, se manifestam as cristalizações sociais, tecnológicas, políticas e econômicas, que constituem as formas “formantes” que influenciam o fundo e o imaginário da atualidade. Os usuários dos não-lugares estão produzindo e sendo alimentados pelo imaginário da cibercultura.

As características da contemporaneidade evidenciam explicitamente a supressão do tempo e do espaço. No que concerne às novas tecnologias de comunicação e de informação, é sabido que uma das principais contribuições das invenções, ao longo da história da humanidade, é tentar controlar o tempo e expandir o seu alcance no espaço.

A globalização inaugura o pensamento da desterritorialização dos valores, mercadorias e também das pessoas. A própria noção de real e de virtual, amplamente discutida, também se torna alvo de relativizações.

Conforme Augé (1994), a exploração do espaço e do tempo se torna aos poucos um desafio para o homem, que, mesmo ao descobrir a infinidade do universo, persiste no desejo de ubiqüidade, com consciência dos limites.

Do excesso de espaço poderíamos dizer, [...] que é correlativo do encolhimento do planeta: dessa colocação à distância de nós mesmos à qual correspondem às performances dos cosmonautas e a ronda de nossos satélites. Num certo sentido, nossos primeiros passos no espaço reduzem o nosso ponto ínfimo cujas fotos feitas por satélite dão-nos justamente a medida exata. O mundo, porém, no mesmo tempo, abre-se para nós (1994, p. 34).

Noutro ponto do texto, o autor acrescenta que “é no anonimato do não-lugar que se experimenta solitariamente a comunhão dos destinos humanos” (1994, p. 110). Pode-se, com a citação de Augé, caracterizar a paradoxal sociedade contemporânea, pois, ao mesmo tempo em que o não-lugar é solitário e contratual, vê-se que a apropriação da cultura pela cibernética, ou seja, a cibercultura, promove, também, no ciberespaço, situações de socialidade em rede. O sucesso dos *blogs* e das iniciativas de participação/interatividade do usuário são provas dessa potencialização de sentimentos, porque também se constitui em uma possibilidade de comunhão, de agregação virtual, nem por isso menos real, dos indivíduos. Assim, pode-se fazer a associação do imaginário pós-moderno ser coletivo (proposto por Maffesoli) e, ao mesmo tempo, não excluir os apontamentos de Augé sobre a prevalência do individualismo na contemporaneidade.

Lipovetsky tem uma teoria sobre os problemas do presente, chamado por ele de hipermodernidade, na qual se dá com vigor a “fragilização dos indivíduos – suicídio, ansiedade, medo dos desastres ecológicos, medo dos pais, medo da AIDS, medo de envelhecer, medo do desemprego; a modernidade tinha confiança no futuro; agora temos a dúvida”⁵.

Ainda, para esclarecer o que se entende por hipermodernidade, ou seja, “a situação paradoxal da sociedade contemporânea, dividida de modo quase esquizofrênico entre a cultura do excesso e o elogio à moderação”⁶, observa-se uma aproximação com Augé, que vê na atualidade o excesso como um elemento de definição dessa época. Nota-se, ainda, que as psicopatologias (ansiedade, depressão, criminalidade) são uma disfuncionalidade desse tempo, segundo Lipovetsky. E, ainda, que, se essa é uma das cristalizações de um comportamento contemporâneo, há de se pensar se não se tornará ainda mais comum com o passar dos anos, na consolidação da chamada era hipermoderna/supermoderna, conforme se optar.

McLuhan profetizava, já em meados do século passado, que o meio é a mensagem. Ao se fazer uma analogia com o jornalismo impresso, pode-se dizer que hoje, com a ferramenta da *web*, o jornal que se pretende *online*, primeiro passa por uma simples transposição do papel para o digital e depois começa a interagir com as

⁵ LIPOVETSKY, Gilles. Entrevista. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 de março de 2004.

⁶ *Ibid.*

possibilidades desse novo meio (hipertextualidade, alta velocidade, multimídia, interatividade entre outras) indica que o “filósofo da era eletrônica” estava certo, pois o jornalismo *online* parece estar desenvolvendo um estilo próprio de acordo com o meio. O hipertexto, a leitura não-linear, interfere diretamente no modo de se produzir conteúdo *para* web. “O meio é a mensagem” significa, em termos da era eletrônica, que já se criou um ambiente totalmente novo. O ‘conteúdo’ deste novo ambiente é o velho ambiente mecanizado da era industrial” (McLUHAN, 1964, p. 67).

Em uma análise comprometida com o dado sociológico, também é importante observar a descrição de Maffesoli (1995) sobre as caracterizações de uma época que pode ser chamada de pós-moderna; cuja definição seria a da emergência de um novo “estar-junto” baseado na “ética da estética”; uma espécie de simpatia em relação ao outro, que se amplia também para o ciberespaço.

A emoção é vivenciada coletivamente, “prazeres e penas são experimentados em comum” (MAFFESOLI, 1995, p. 76), seja através de manifestações presenciais ou a partir da disseminação do uso das tecnologias do imaginário⁷. São as mensagens – imagéticas, sonoras, textuais, virtuais, digitais, interativas e hipertextuais –, divulgadas através das tecnologias de comunicação, elementos fundamentais na construção do imaginário. Esse que é hoje, de modo acentuado, marcado pela cibercultura: “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17).

A inquietação que permeia este texto é a construção do imaginário de futuro que a mídia constrói permanentemente. Levada por diversos interesses, que vão desde o puro anseio comercial, até a discussão mais generalizada a respeito do comportamento da sociedade frente a novos arranjos que as tecnologias impõem.

Muitos são as publicações, impressas e eletrônicas, dedicadas especificamente ao tema e mais várias outras que em algumas edições tratam do assunto, neste texto optou-

⁷ A idéia da existência de tecnologias do imaginário relaciona-se com as técnicas de comunicação (televisão, literatura, cinema, etc.) que possam interferir no processo de construção do imaginário. Esse “conceito” está imbricado no gênio coletivo e, portanto, reflete o espírito de uma sociedade, que, por sua vez, define-se como “a relação entre intimações objetivas e subjetivas” (MAFFESOLI, 2001c).

se por em levar em consideração, sobretudo a produção nacional, a fim de se efetuar uma análise e uma possível categorização das mesmas.

Lembra-se que em 2001 ao lançar a obra “Lo imaginário de Internet”, Patrice Flichy , reflexão sobre a disseminação, porém com um olhar mais específico de desenvolvedores para desenvolvedores.

Inicialmente, pode-se dizer que há três categorias básicas de publicações que tratam do tema: as especializadas, como a revista Info, PC Magazine, e Meio Digital; as de negócios, com enfoque de inovação corporativa, como a revista Exame e Época Negócios, e ainda as revistas jornalísticas informativas, por exemplo algumas edições das revistas Veja e Isto é, e os encartes especiais de Natal e o mais freqüente, Veja Tecnologia.

Isso sem contar as publicações acadêmico-científicas produzidas em universidades e centros de pesquisa e os mais diversos blogs, podcasts, websites.

Tratamento dado: as especializadas tratam o leitor como usuário/cliente, as especializadas mais direcionadas à comunicação falam em consumidor

As generalistas – como ser social,

O impacto oscila entre pedofilia, discurso moralista, os vilões, O google e os deslumbramentos com as possibilidades.

“Nos mundos do entretenimento e da informação, já superamos as restrições de capacidade em termos de espaço em prateleiras e canais, além de suas exigências de tamanho único. Em breve, também deixaremos para trás as limitações de capacidade também em produção de massa. A explosão de variedade que vemos em nossa cultura, graças a eficiência da tecnologia digital, se estenderá para todos os outros aspectos de nossa vida. No futuro, a questão não será se a multiplicidade de escolhas é melhor, mas o que realmente queremos. Nos corredores infinitos, tudo é possível” (ANDERSON, 2006:224).

Referências

Baudrillard, J. A sociedade de Consumo. Lisboa. Relógio D'água, 1986.

Baudrillard, J. Simulacros e Simulação. Lisboa Relógio D'água, 1991.

Deleuze, G. Conversações. São Paulo. Editora 34. 1996.

Debord, G, A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro. Contraponto, 2007

Maffesoli, M. A Contemplanção do Mundo. Porto Alegre. Artes &Ofícios, 1995.

Mattelart. A, História da Utopia Planetária. Porto Alegre. Sulina, 2002.

Nietzsche, F. Humano, Demasiado Humano. São Paulo. Cia. Das Letras, 2000

Ortega y Gasset, J. Meditaciones de la Técnica. Madrid, Escasa Calpe. 1993.

Ortega y Gasset, J. Que és el Conocimiento ? Madrid, Escasa Calpe. 1993

Serres, M. *Éclaircissements*, entretiens avec Bruno Latour. Paris. Flammarion, 1995.